

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**BRENO ANASTACIO PEREIRA**

**LUIGI MARZANO: RELAÇÕES POLÍTICAS E DISCURSOS DE ITALIANIDADES**

**CRICIÚMA**

**2017**

**BRENO ANASTACIO PEREIRA**

**LUIGI MARZANO: RELAÇÕES POLÍTICAS E DISCURSOS DE ITALIANIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Michele Gonçalves Cardoso

**CRICIÚMA**

**2017**

**BRENO ANASTACIO PEREIRA**

**LUIGI MARZANO: RELAÇÕES POLÍTICAS E DISCURSOS DE ITALIANIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Cultura Política, Trabalho e Relação de Poder.

Criciúma, 23 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - UNESC - Orientador

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mestre - UNESC

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - UNESC

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus. A minha família que sempre me apoiou e aconselhou, em especial meus pais Lierete Pereira e Margarete De Villa Anastacio Pereira e ao meu irmão Tiago Anastacio Pereira, a vocês o meu amor e carinho. Aos colegas e professores do Curso de História da UNESC, em especial aos que me acompanharam desde a época de calouro, compartilhando momentos, experiências e histórias. À minha professora orientadora Michele Gonçalves Cardoso, pela orientação e paciência ao longo do trabalho. E àqueles que de alguma forma me auxiliaram durante a pesquisa.

**“A palavra política significa elevação para a participação no poder ou para a influencia na sua repartição, seja entre os Estados, seja no interior de um Estado ou entre os grupos humanos que nele existem.”**

**Max Weber**

## RESUMO

Nessa pesquisa buscou-se, através das bibliografias e fontes, compreender como se deram os conflitos políticos em torno do processo de emancipação municipal de Urussanga e consolidação, que envolveram o padre italiano Luigi Marzano e outros grupos políticos da região. O sacerdote publicou um livro sobre o período que esteve em Urussanga, 1899 a 1903, impresso na Itália, e este também foi analisado na perspectiva de relato de viagem e como é utilizado para reproduzir um passado comum no discurso de italianidade de seus descendentes. A metodologia deste trabalho, dedicou-se à análise das fontes, assim como a interpretações de jornais da época, dos municípios de Tubarão e Urussanga e também teve como base outras produções acadêmicas e bibliográficas. A análise possibilitou perceber as conjunturas em que o padre estava envolvido e ainda se verificou as recentes reimpressões do seu livro, como forma de legitimar um mito fundador comum a muitos descendentes de imigrantes italianos.

**Palavras-chaves:** Colonização. Italianidade. Imigração. Relatos de Viagem.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
2 O PADRE LUIGI MARZANO E AS TENSÕES POLITICAS.....	11
3 A OBRA COLONOS E MISSIONARIOS NAS FLORESTAS DO BRASIL: PUBLICAÇÕES E DISCURSOS.....	23
4 CONCLUSÃO .....	33
REFERÊNCIA .....	35

## 1 INTRODUÇÃO

No final da década de 1870 chegaram ao sul de Santa Catarina, os primeiros colonos italianos com intuito de povoar terras demarcadas e formar novos núcleos coloniais próximos a Tubarão, de população predominantemente luso-açoriana. Já havia na região, mais ao norte, a Colônia Espontânea de Braço do Norte, que teve seu início em 1874, formada por algumas famílias vindas de Teresópolis (atual Santo Amaro da Imperatriz) que se fixaram às margens do rio Braço do Norte. Também existia nas proximidades de Tubarão a Colônia Azambuja, fundada em 1877.

Para estas colônias vieram famílias provenientes, principalmente, do norte da Itália como Piemonte, Veneto e Friuli, as quais passavam por diversas dificuldades no novo país que se unificara, a Itália, pois a guerra<sup>1</sup> consumiu muitos recursos do Estado e essas regiões eram formadas por pequenos vilarejos agrícolas que tinham que pagar mais impostos do que suas economias suportavam.

Muitos dos imigrantes que aqui chegaram, vieram motivados por ouvirem propagandas dos agenciadores veiculadas nos jornais sobre as produtivas terras da América, em destaque a região sul catarinense, juntamente com a promessa de bons lotes e estrutura urbana como moradias provisórias, igreja, escola e outros edifícios, despediram-se de suas vilas e, de navio a vapor, partiram para o Brasil. Estes passaram pelos portos de Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos e Desterro sendo remanejados para barcos a vela e, desembarcando em Laguna, seguiram depois para Tubarão e, a partir daí, deslocavam-se a pé, por trilhas em meio à mata, até o local onde formariam as colônias.

Destacaremos uma destas colônias, Urussanga, que conforme relatado por Pe. Marzano (1985, p. 59-67) no primeiro ano (1878) que os imigrantes estavam no núcleo colonial – no período entre o plantio e a colheita – alguns homens por necessidade foram trabalhar em obras de outras colônias, incluindo as alemãs no norte do estado, ou em obras públicas na própria colônia a fim de receberem pagamento. No início da década de 1880 aconteceu a construção da estrada de ferro entre Laguna e as Minas (atual Lauro Müller) para exploração de carvão

---

<sup>1</sup>PAGNOTTA & ASSIS, 2017, p.85. “A terceira guerra de independência italiana, travada no atual nordeste italiano, região de proveniência dos imigrantes e que ratificou com um plebiscito a anexação do Vêneto ao Regno d’Itália, remonta a 1866.”



mineral, em que muitos colonos foram trabalhar na construção das estruturas ou como mineiros, com estes trabalhos “poucos mil réis ganhos pareciam-lhes milhares de liras” (MARZANO, 1985, p.59).

Passados os primeiros anos houve uma entrada de capital em parte da colônia, devido a venda de produtos agrícolas e, também, porque alguns colonos foram utilizados como mão de obra em trabalhos dentro e fora de Urussanga; então melhorias foram realizadas em algumas ruas e na praça. Alguns moradores melhoraram suas residências e outros instalaram casas de comércio com mais opções de produtos. E iniciaram a construção de uma igreja maior, diferente da capelinha que fora improvisada. Cada habitante dava uma quantia em dinheiro ou em materiais e outros a mão de obra para edificar a igreja.

Os imigrantes desses núcleos coloniais, até a vinda dos padres da missão de Turim, como também após a vinda deles, foram atendidos por padres diversos, italianos ou não, de maneira esporádica. Entre esses padres constam Guilherme Roer, de Teresópolis, e Francisco Xavier Topp, vigário em Tubarão. [...] Os Urussanguenses fizeram vários pedidos ao monsenhor Topp insistindo em ter um sacerdote italiano com residência fixa na respectiva localidade. (OTTO, 2006, p. 69)

A colônia Urussanga pedia a vinda de um padre italiano que os assistissem de forma definitiva. Durante os anos de 1895 e 1896 atuou o Pe. Bernardo Freiser, que não era italiano, mas falava a língua do Vêneto, o que agradou a população. Porém, sua curta permanência não satisfez os colonos. Somente em 1899 chegaria à Urussanga Pe. Luigi Marzano, italiano natural de Botigliera de Asti, o qual foi muito bem recebido pela população local.

Este trabalho tem como objetivo compreender a atuação política do Pe. Luigi Marzano no período que esteve em Urussanga, assim como, perceber como sua publicação *Colonos e Missionários italianos nas florestas do Brasil* reverbera ainda hoje.

O livro *Coloni e Missionari italiani nelle Foreste Del Brasile*, título original da obra do Pe. Luigi Marzano foi escrito como um diário onde narrou sua vontade em ser missionário, descreveu também, a viagem da Itália até o Brasil e suas impressões sobre o país de destino. Marzano contou fatos do início da colonização de Urussanga mediante as narrações dos moradores da localidade ao autor. O livro foi publicado na Itália em 1904, nele estão os primeiros três anos do Pe. Marzano

em Urussanga, sendo que este residiu no município até 1909<sup>2</sup>. A edição da obra utilizada neste trabalho é a traduzida por João Leonir Dall'Alba, publicada em 1985.

Este trabalho é dividido em dois capítulos, de acordo com os objetivos específicos propostos. No primeiro capítulo trataremos de analisar as motivações da vinda do Padre Marzano para a colônia de Urussanga, sendo este um representante da Missão de Turim, compreendendo a inserção política do sacerdote e as tensões com outras lideranças, situando o leitor sobre a colônia de Urussanga e as características da Missão de Turim e apresentando ainda, as lideranças que faziam parte da comunidade no início do século XX.

No segundo capítulo o foco é perceber a circulação da obra no período de sua publicação, entendendo como ainda hoje a obra constrói e reverbera um discurso de italianidade que é generalizado a muitas famílias de descendentes de europeus no sul catarinense.

Pretende-se chegar aos objetivos por meio da análise das fontes e de pesquisa bibliográfica utilizando os livros, *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* escrito por Marzano, *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina* de Clarícia Otto, além de jornais de circulação local, documentos oficiais do consulado italiano, Livro Tombo da paróquia de Urussanga e outras obras acadêmicas.

Além de uma revisão bibliográfica sobre o tema dos processos de imigração e colonização de Urussanga, o livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* também será analisado sob uma perspectiva de relato de viagem, fundamentado a partir da obra *Relatos de viagem como fontes à história* da organizadora Núncia Santoro de Constantino e seus colaboradores, e será trabalhado ainda o conceito de etnicidade pautado principalmente pelo livro do autor Philippe Poutignat *Teorias da etnicidade, Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*.

---

<sup>2</sup> Nas bibliografias falam da sua saída em 1908, porém ao ler o Livro Tombo da Paróquia de Urussanga, página 172, está uma assinatura do Vigário Marzano datada de 1º de março de 1909.

## 2 PADRE LUIGI MARZANO E AS TENSÕES POLÍTICAS

Urussanga é um município do sul catarinense que tem como data de fundação o ano de 1878, quando chegaram os engenheiros e os colonos italianos da região do Vêneto, que faziam parte de um projeto de ocupação e colonização de determinadas áreas, de acordo com o regulamento para as colônias do estado (MARZANO, 1985, p.192). Conseguiu sua elevação a Distrito de Tubarão em 1891 e foi o primeiro núcleo colonial da região a se emancipar politicamente, em 1900. No início do século XX contava com uma população de mais de 7.000 habitantes que eram predominantemente de italianos e seus descendentes, entre estes estavam os membros da elite local, da qual faziam parte os proprietários de comércios e casas no centro do município. Após a emancipação política alguns representantes de grupos dessa elite pleitearam cargos políticos no município.

As primeiras famílias de imigrantes chegaram em Urussanga em 1878 e, ao contrário do que esperavam encontrar na sede da colônia, se viram em meio a mata, em um espaço sem estradas, com apenas algumas trilhas, sem praças, igrejas e casas. A densa floresta era bem diferente da Itália da qual partiram os imigrantes, além do que tiveram que se adaptar ao clima e aprender o período de plantio.

A Itália recém unificada tornou-se nação e, nesse processo, os camponeses italianos foram atingidos por uma crise, devido ao custo da produção agravada pelo aumento de impostos. Parte da população se viu motivada a vender seus pequenos lotes e migrarem para países vizinhos e para a América. Naquele momento a Igreja Católica viu-se preocupada com a perda de fiéis, já que havia um distanciamento entre o Estado e a Cúria Romana. Com isso surgiu a necessidade de não só os cônsules acompanharem os migrantes, mas também padres missionários que, no caso de Urussanga, pertenciam à Missão de Turim, baseada no método da Ordem Scalabriniana.

Dom Scalabrini se envolveu com o grande êxodo de emigrantes para a América e com o objetivo de acompanhá-los, fundou em 1886 a Congregação dos Scalabrinianos – os Padres de São Carlos. A aliança entre fé e o patriotismo era um elemento central desse projeto de Scalabrini. Em conferência pronunciada durante o 16º Congresso Católico Italiano, realizado em Ferrara, diz que, “perdendo o sentimento de nacionalidade, perdem com ele, - constringe o coração afirma-lo! – o senso da fé católica”. (OTTO, 2006, p.72-73)

Segundo esse discurso, o principal meio utilizado para que os imigrantes não perdessem a italianidade é continuarem falando sua língua natal; tanto o governo da Itália como também a Igreja Católica se aproveitaram disso. Queriam reproduzir nas colônias um ambiente semelhante ao dos vilarejos do norte italiano e, para tal propósito, a presença de um sacerdote e de cônsules de mesma nacionalidade era necessária, sendo que esses se colocaram como porta vozes da comunidade e como tal produziram jornais na cidade e relatórios para seus superiores.

Os colonos em Urussanga almejavam a presença e a residência de um pároco italiano junto à comunidade. Intento este que somente foi alcançado após ter passado quase vinte e três anos de fundação da colônia, quando Dom José Camargo de Barros, Bispo de Curitiba, autorizou a vinda de padres italianos. Entre esses estavam os que vieram para Urussanga: os padres Luigi Marzano e Michele Pizzio. O primeiro era natural de Botigliera de Asti, pertencente a diocese de Turim, foi ordenado padre em 1896, enquanto Pizzio era de Carmagnola, também da diocese de Turim. A vinda era muito esperada e, antes mesmo dos padres Luigi Marzano e Michele Pizzio chegarem em Urussanga, parte da população já os aguardava na estação ferroviária de Pedras Grandes, distante vinte e cinco quilômetros de Urussanga.

As doze e meia estávamos finalmente na estação de Pedras Grandes. O trem ainda estava em movimento, mas uma grande multidão de gente tentava subir em nosso vagão e uma só voz ecoava no ar: - Chegaram nossos padres! Viva! Viva! – O trem teve que parar para evitar acidentes. Descemos. A multidão cresceu de repente. Todos tomaram-nos de assalto: uns nos beijavam as mãos banhando-as em lágrimas, outros nos apertavam o peito, outros por reverencia, apenas ousaram tocar-nos as vestes. (MARZANO, 1985, p.47)

Após descerem em Pedras Grandes, tiveram que seguir por trilhas em meio à floresta até terem uma nova recepção, assim Marzano descreve sua primeira impressão,

Que encontro! Logo ao sair da floresta encontramos-nos entre colinas cobertas de vinhedos: abundantes cachos pendentes evocaram-nos o Piemont. De repente disparos de morteiros e de foguetes nos anunciaram que estava próximo o lugar de destino. [...]. Alegres cantos ecoaram então e grupos de mulheres, velhos e crianças nos vieram ao encontro desejosos de apressar o momento de ver-nos [...]. Dispôs-se a procissão: na frente estavam os meninos e meninas de escola, vestidos de branco; depois a

numerosa Associação do Sagrado Coração de Jesus e, por último, estávamos nós, ladeados pelas representações. (MARZANO, 1985, p.48)

Embora seja uma citação do padre sobre ele mesmo e mantidas as devidas reservas, tais descrições mostram o anseio dos colonos por um sacerdote da sua mesma nacionalidade e, também a influência que esse teria dentro da comunidade. Tal influência pertencia a alguns líderes políticos ou representantes da comunidade, em geral pessoas que já tinham um maior capital econômico, como aqueles que foram trabalhar na construção da ferrovia, nas minas de carvão e na criação de suínos para produção de toucinho e banha que eram vendidos no Rio de Janeiro. Estes colonos puderam comprar terrenos no centro da cidade e construir neles suas casas de moradia e comércio. (PIAZZA, 2001, p.199 e 202)

Diferentes dos comerciantes que vinham de fora, os da cidade acabavam ganhando certo prestígio e reconhecimento da população, até porque eram poucas as pessoas que teriam o capital para abrir uma loja no final do século XIX. Entre os comerciantes, em Urussanga, era predominante a origem ou descendência italiana.

Urussanga, em comparativo com as outras colônias da região de Nova Veneza e Criciúma, era a que mais tinha casas de negócios e onde havia uma maior movimentação econômica (ZANELATO, 2012, p.159). Buscando maior voz no meio político, Urussanga, que já era distrito de Tubarão desde 1891, queixava-se da relação estabelecida com a cidade, protestando contra o valor dos impostos cobrados por Tubarão e que, segundo os moradores, não eram reinvestidos no distrito, como também a falta de manutenção das estradas e falta de escolas. A elite local enviou uma petição de elevação a município para a Assembleia legislativa em 1899, porém esta foi negada.

No ano seguinte, em 1900, nova petição foi enviada e aprovada pela Assembleia em 06 de outubro. Neste momento a elite local se torna elegível a cargos políticos no recém município, tendo como primeiro superintendente (prefeito) Jacintho de Brida e Lucas Bez Batti para presidente do conselho, ambos proprietários de casa de negócios no centro da cidade. Cada um era participante de grupos opostos na elite urussanguense da época.

Chama a atenção um acontecimento em 1898, quando um grupo de colonos, naturalizados brasileiros, foi adquirir seus títulos de eleitor junto ao município de Tubarão, documento este que para muitos foi negado e, apenas 18 alcançaram seus títulos. Os que não conseguiram foram até Araranguá, onde mais

130 colonos tiraram seus títulos. Tanto Tubarão como Araranguá almejavam o controle sobre Urussanga, porém, judicialmente, Tubarão ganhou a causa. Esse indeferimento em tantos títulos de eleitor por parte de Tubarão sugere que a elite luso-brasileira se sentiu ameaçada devido ao poder que o voto deu a essa comunidade de imigrantes.

Tendo a comunidade se emancipado, surgiram pessoas que buscavam ser líderes da mesma, destacando-se nesse trabalho Lucas Bez Batti, Giuseppe Caruso MacDonald e Jacintho de Brida que era dono de uma casa de negócios e, quando Urussanga se emancipou politicamente, ele se tornou o primeiro prefeito da cidade.

Giuseppe Caruso MacDonald, siciliano nascido no ano de 1869, formou-se em direito na Itália e veio para o Brasil no início do século XX. Em 1901 trabalhou no governo municipal de Urussanga como secretário e, no mesmo ano, 1901, lançou o jornal *La Patria* com edição até 1907 e, posteriormente, o jornal *L'azino* (1907-1908). No ano de 1903 participou da fundação do Sindicato Agrícola Sul Catarinense, no qual, ocupou o cargo de secretário. Pelo governo italiano exerceu o cargo, remunerado, de cônsul em dois períodos, primeiro entre dezembro de 1904 a julho de 1908, e depois entre janeiro de 1909 e maio de 1909. Nesta função escreveu um relatório à Itália no ano de 1906.

Lucas Bez Batti, natural de Longarone, chegou em Urussanga por volta do ano de 1879, quando tinha 19 anos; trabalhou na agricultura (MATIOLA & PEREIRA, 2010, p.49) até ter dinheiro suficiente para construir sua casa de negócios no centro de Urussanga. O comércio proporcionou contato com os demais moradores e, tendo uma história que se assemelha a dos outros imigrantes, isso o motivou a entrar no meio político, sendo eleito como presidente do conselho municipal no ano de emancipação de Urussanga e, em 1903, assumiu como prefeito. Neste mesmo ano participou da diretoria, como vice-presidente, do recém fundado Sindicato Agrícola Sul Catarinense.

Padre Luigi Marzano chegou a Urussanga quando esta buscava a emancipação e já tinha dois grupos políticos organizados: um capitaneado por Lucas Bez Batti e Caruso MacDonald e, outro liderado por Jacintho de Brida.

Em dezembro de 1899 chegou Pe. Marzano, poucos meses depois de os colonos terem enviado o pedido de emancipação municipal, e este ser negado pela

Assembleia do Estado. Neste mesmo ano o cônsul Cavalheiro Gherardo Pio di Savóia visitara as colônias italianas do sul catarinense e produziu um relatório que foi enviado ao governo brasileiro e italiano, explanando a situação em que se encontravam as colônias e os colonos, principalmente a falta de instrução das crianças, já que não havia subsídio do governo italiano para construção e manutenção das escolas. (MARZANO, 1985, p.166)

Pe. Marzano articulou-se com o cônsul Pio di Savóia e com Jacintho de Brida, que estava bem envolvido com o objetivo de emancipar politicamente Urussanga. (MARQUES, 1978, p.81). Traçaram ações a fim de pressionar o governo, não só de forma diplomática, como foi a produção do relatório, mas também de maneira mais conflituosa que foi a não participação dos eleitores urussanguenses, que eram em torno de 900 votantes, nas eleições<sup>3</sup>; isso demonstrou, desde o pedido de emancipação e em seguida pela abstenção dos votos, uma unidade e a vontade de se desligar de Tubarão.

Tendo Urussanga as especificações necessárias para ser promovida a município, como número de habitantes superior a 5 mil, arrecadação suficiente para se manter, mesmo assim este lhe foi negado em 1899. Tubarão tinha como Prefeito João Cabral de Melo, casado com a filha do Coronel Luis Martins Collaço. A família Collaço, luso-brasileira, era elite em Tubarão e ocupou cargos tanto na prefeitura, como também na Assembleia do Estado de Santa Catarina. João Cabral de Melo ao mesmo tempo que era prefeito, era representante na Assembleia, deixando a outros como, Pedro Luis Collaço e Joaquim Davi Ferreira Lima o cargo na prefeitura. Eram muito importantes para os políticos de Tubarão os impostos arrecadados e o número de eleitores do Distrito de Urussanga e também, havia um receio de dar a independência para uma comunidade de população quase que total de italianos e seus descendentes. Isso sugere que a força política de Tubarão na Assembleia foi de relevância para que não se aprovasse a emancipação.

Após os eleitores de Urussanga não terem votado, nova petição foi enviada para a Assembleia e em 6 de outubro de 1900 foi aprovada a elevação para município. Em janeiro de 1901 os eleitos tomam posse de seus cargos no município de Urussanga, entre eles Jacintho De Brida, eleito prefeito com boa quantia de votos devido sua participação no processo de emancipação.

---

<sup>3</sup> As fontes não informavam qual era a eleição.

Até a emancipação as contestações eram entre a elite de Urussanga e elite de Tubarão. Porém, com a instalação do município, as disputas passaram a ser entre os grupos de poder em Urussanga, que almejavam cargos políticos. Nesses grupos estavam de um lado Jacintho de Brida e Pe. Marzano e de outro lado Giuseppe Caruso MacDonald e Lucas Bez Batti, esses pró-Partido Republicano.

MacDonald lançou no mesmo ano em que toma posse como secretário da prefeitura, 1901, um jornal semanal intitulado *La Patria*, escrito, na maior parte, em italiano, contendo informações sobre agricultura, curiosidades sobre inventos no exterior, notícias da capital nacional e estadual e também sobre a Itália. O jornal pode ser usado como forma de poder no que tange o controle das informações.

Por meio deles cria-se uma certa realidade e selecionam-se outras, que por sua vez também são representações deles próprios. Objetivam a uma identificação e sentimento de pertencimento dos italianos a um determinado grupo, ser italiano no Brasil. (OTTO, 2006, p.99)

Com base no que Otto se referiu, foram usados discursos para legitimar o grupo ao qual pertence o redator e este utilizou de seu *status*, em Urussanga, já que era parte do governo municipal, advogado, e proprietário do jornal para ser o “porta-voz autorizado” (OTTO, 2006, p.198) da comunidade. Num discurso de forma poética, comparando Urussanga a uma planta, assim descreveu os primeiros meses de emancipação do município.

O município de Urussanga vive e viverá de vida verdadeira e gloriosa, porque nasceu forte, porque a sua emancipação deve-se a luta firme e constante de muitos anos e porque no seu seio guarda energias inexauríveis que o sol da ciência fará germinar. Ele, por isso compara-se à tenra plantinha, cujo desenvolvimento por muito tempo foi sufocado pelas ervas malignas: agora que as ervas foram extirpadas e que a luz o inunda com seus benéficos raios e o ar com sopro vivificante, desenvolver-se-á rapidamente e a sua estirpe vigorosa resistirá aos danos do tempo e às vicissitudes atmosféricas. E avante! (La Patria apud OTTO, 2006, p.197)

Apresentou nesta fala que não foi fácil a elevação para município (“deve-se a luta firme e constante”), inserindo um sentimento de orgulho e vitória. Não citou quem eram as ervas malignas, mas tendo em vista o processo de emancipação seria o governo de Tubarão.

Passados quase dois anos, a prefeitura de Urussanga já havia iniciado a construção de sua sede no centro da cidade e mantinha algumas escolas devido a



um *superávit* na arrecadação de impostos. Foi feita nova eleição para os encargos na prefeitura, formando-se duas chapas: uma liderada por Jacintho De Brida e outra por Lucas Bez Batti. As votações aconteceram no dia 07/12/1902 e, após a apuração, Bez Batti foi o eleito. O grupo de De Brida acreditou ter havido fraude nas eleições (OTTO, 2006, p.200) pedindo ao governador que cancelasse a eleição e isto foi feito, porém mesmo assim a chapa de Bez Batti toma posse no mês de janeiro de 1903 e, em sua primeira sessão, enviaram ao Governador uma mensagem acusando De Brida.

Os abaixo-assinados conselheiros municipais de Urussanga, eleitos em 07/12/1902, depois de tomarem conhecimento das ilegalidades cometidas pelo cidadão Jacintho De Brida, apresentando a V. Exa. Uma ata de apuração completamente falsa, para criar uma dualidade que não existe, retirem toda a confiança do mesmo cidadão Jacintho De Brida, fazendo votos para que a ata de V. Excia de 29 do mês de dezembro p.p. suspendendo a apuração das eleições legalmente realizadas, em que foi eleito superintendente o cidadão Lucas Bez Batti, seja revogada. (LIVRO 1,1903 apud OTTO, 2006, p.200)

Observa-se as disputas pelo poder municipal e as acusações que foram enviadas ao governo estadual, querendo deslegitimar as falas de uma e de outra chapa, demonstrando a forte oposição entre elas. Num município recém instalado onde as “ervas daninhas” haviam acabado, a elite que se mostrou coesa na busca da emancipação começou a se articular para se garantir nos espaços de poder.

Nesta mesma sessão, dia 09 de janeiro de 1903, foi recebido um telégrafo do Governo Estadual, passando a superintendência municipal para Jacintho De Brida (NASPOLINI FILHO, 1984, p.126), reforçando o cancelamento da eleição para prefeito. Contudo o Conselho fez forte oposição ao governo De Brida, visto ser esse ofício escrito por ele e enviado ao vice-governador Vidal Ramos.

O Conselho, arrogando-se o direito de nomear e demitir os empregados municipais e de visar a todos os documentos de despesa, o conselho ultrapassa suas atribuições meramente legislativas e invade as funções do poder executivo, reduzindo assim o superintendente a mero títular, sem liberdade de ação e sem direito ao respeito indispensável dos empregados como demonstra a cópia anexa do ofício do tesoureiro municipal. É evidente que no desespero de ver frustrados todos os seus planos de empolgar a administração do município, pelas vergonhosas fraudes de 7 de dezembro de 1902, a oposição [Bez Batti] sem meios de lutar diretamente contra o governo do Estado, pela sua sabia decisão, procura petulantemente, por esses meios desrespeitosos às leis básicas da nossa nacionalidade, desprestigiar V. Ex<sup>a</sup>, obstando os efeitos do ato que mandou continuar em

exercício este governo municipal. (OFICIO, 1903 apud OTTO, 2006, p.199 e 200)

Em agosto do mesmo ano, após De Brida estar sobre constante oposição no Conselho, o governo de Santa Catarina interferiu, dando sua decisão em favor de Lucas Bez Batti que pela segunda vez no ano toma posse, desta vez em 15 de agosto. Mas isto não encerrou os conflitos, que foram se intensificando entre prefeito, cônsul, padre.

Caruso e seu colega Bez Batti tinham desavenças com Marzano, em parte por esse ter um prestígio mais que espiritual sobre a população. Ponto em que padre Marzano diverge de algumas lideranças da comunidade é com relação às escolas *Dante Alighieri*:

Sua prestimosidade lhe angariou grande prestígio em pouco tempo, mas teve que pagar o preço da fama. Chamado com freqüência de longas distancias, levava não só o conforto espiritual, mas também o remédio para doenças. Sua disponibilidade o transformou em médico, advogado, conselheiro e mediador com todas as conseqüências positivas e negativas resultantes desta ação omnidirecional. Lutou muito junto ao consulado no sentido de melhorar ou substituir por professoras mais habilidosas as numerosas escolas mantidas pelo governo italiano, como também insistiu se ensinassem as letras em língua brasileira. (MARQUES, 1978, p. 134)

Tais interferências em assuntos não religiosos por parte do padre Luigi Marzano fez com que pessoas opostas a ele, como MacDonald e outros do pró-partido republicano, espalhassem boatos, escrevessem no jornal falando mal dele e pedindo a seus superiores que o tirassem de Urussanga. Boatos e fofocas são utilizados nessa disputa de poder e usados nos discursos para legitimar suas ações em detrimento da imagem que se quer passar do outro, assim descreve Otto, “a fofoca é utilizada como instrumento na luta pelo poder de impor determinada visão do mundo social” (OTTO, 2006, p.193). Otto (2006, p. 227) continua “vale destacar que a principal autoridade que se via prejudicada era o próprio Bez Batti. Os esforços, os discursos, são todos direcionados para a conquista e o monopólio do poder”.

Em 1904 ano em que Pe. Marzano foi a Itália em busca de Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, para que estas ajudassem na educação das crianças veio, além das irmãs, o médico Francisco Burzio, afim de atender a população de Urussanga. Tais atitudes do Pe. Marzano de trazer irmãs e um médico aumentam

seu prestígio na comunidade<sup>4</sup>, confrontando-se com a autoridade de Bez Batti. No início deste mesmo ano Lucas Bez Batti enviou um ofício ao vice-governador, mostrando-se inconformado com as atitudes do Pe. José Francisco Bertero, de Tubarão, pedindo sua expulsão. Numa de suas acusações diz que

[...] um grupicho que a consciência popular expulsou dos cargos públicos municipais, chefiados pelo vigário José Francisco Bertero, com fim de tirar uma qualquer vingança contra a autoridade, pretende sublevar o povo com meios criminosos, tomando por pretexto o imposto. (OFICIO, 1904 apud OTTO,2006, p. 222)

Sobre esses insultos Otto (2006, p.222) explica que para Bez Batti “padre Bertero é um perigo para a população, é contra a arrecadação de impostos porque julga que os impostos diminuiriam seus honorários”, acusações foram utilizadas como forma de desprestigiar os padres e quem estes apoiavam.

Ainda em 1904, em Urussanga, começou a ser publicado um outro jornal *Il Colono*<sup>5</sup>, segundo Marques (1978, p. 78) o *La Patria* não tardou em se posicionar a favor do grupo de seu proprietário Mac Donald. Enquanto Bez Batti e seu grupo faziam críticas aos opositores, em ofícios e jornais, estes também se utilizam da imprensa.

Insultos também são lançados contra o padre Luigi Marzano e aos seus seguidores: Francisco Burziu, Jacintho De Brida, Sperandio Damiani e Torquato Tasso. Estes foram nomeados como um grupo de desordeiros, causadores de confusões às autoridades visando a desprestigia-las. (OTTO, 2006, p.223)

Tais insultos a que Otto se refere estão num ofício que Lucas Bez Batti enviou ao vice-governador. Sobre este mesmo episódio há uma publicação no jornal *Il Colono*.

Temos o prazer de reproduzir o belo artigo que o colega *O Albor*, publicou no seu número de 14 do corrente, com a epigrafe acima. Do sr, Antonio Ferraro, digno sob-comissario de polícia daquela vila, recebemos a declaração que com, prazer, em seguida publicamos, referente à carta que em nossa última edição estampamos sobre ocorrências deploráveis e bastantes graves, no dizer do nosso confrade *La Patria*: Eu abaixo assino, Antonio Ferraro, comissário de polícia na vila de Urussanga, declaro que os fatos publicados no periódico *O Albor* de laguna do dia 7 deste mês, e

<sup>4</sup> Livro Tombo da Paroquia Nossa Senhora da Conceição. Urussanga, v.1, p. 131. “Foram recebidos com verdadeiramente entusiasmo da povoação.”

<sup>5</sup> Revista ítalo-brasileira escrita por diversos redatores.

atribuídos aos três cidadãos dr. Francisco Burzio, Torquato Tasso e Jacintho De Brida, são todos completamente falsos, porque os três referidos cidadãos, pessoas educadíssimas, não somente não fizeram atos contrários a ordem pública mas nem se quer o menor ato de indelicadeza, contra quem quer que fosse e portanto o intervento da força pública não é devido a motivos que lhe causassem. (IL COLONO, 1904, p.2)

Vê-se que os dois grupos um Pe. Marzano e outro Bez Batti, estavam munidas com parcerias no meio político e privado (jornais), afim de se afirmar no poder como legítimos representantes da comunidade. Entre estes representantes Giuseppe Caruso MacDonald<sup>6</sup>, que em dezembro desse mesmo ano, 1904, foi atribuído ao cargo de Cônsul pelo governo italiano, que tem por função ser “portadores de falas autorizadas e desenvolverem estratégias de ação a partir de uma delegação do governo italiano” (OTTO, 2006, p.83). Este era o porta-voz da italianidade, enquanto os padres eram porta-vozes da catolicidade e em certos momentos um desses personagens se sobressaia, então aconteciam os confrontos entre as autoridades.

Passados alguns meses as disputas continuavam e, novamente, Lucas Bez Batti enviou um ofício em 21 de março de 1905, ao vice-governador, pedindo remoção do padre Luigi Marzano como demonstra nesses trechos:

O Pe. Luigi Marzano, nestes últimos tempos, manifestou-se em verdadeiro elemento de perturbação da ordem; ele não perde ocasião para excitar o povo a cometer atos de rebeldia contra as autoridades(...). Pelo que consta o Pe. Marzano e o Dr. Burzio estão de acordo com os Srs. Polydoro Olavo Santiago e irmãos Martins da Laguna, dissidentes federalistas e inimigos acerrimos do governo de V. Excia., para que este Município sirva para os fins políticos dos mesmos. (...) Para Pe. Luigi Marzano, poderia V Excia., arranjar com o bispo, a remoção deste inimigo do Brasil para outra parte, e do médico tenho a dizer-vos ele ainda não foi reconhecido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Está é a única forma que poderá dar remédio a tantos males. (OFICIO, 1905 apud PIAZZA, 2001, p. 206 e207)

O prefeito buscou juntar episódios que pudessem incriminar o padre e seus companheiros afim de justificar o pedido de afastamento, ligando Marzano a pessoas de outras cidades que eram de oposição ao Governo Estadual. Bez Batti também provocou Dr. Burzio, dizendo que seu diploma não estava reconhecido pela instituição brasileira. Neste documento como destaca Otto (2006, p,227) “pode-se inferir que Bez Batti sentia-se ameaçado pelo fato de o padre Marzano despontar e

---

<sup>6</sup> Lucas Bez Batti era Lucca, Giuseppe MacDonald assinava como José, Luigi Marzano assinava como Luiz. Esse aportuguesamento era comum e com essa naturalização buscavam melhor relações com os brasileiros.

conquistar prestígio no município de Urussanga, características que ele almejava única e exclusivamente para si”. Num mesmo ofício cita vários nomes que deixavam o poder do superintendente ameaçado, difamando a imagem dos mesmos perante o vice-governador.

No município de Tubarão também houve publicação a respeito dos posicionamentos do padre Marzano, no jornal *O Escopro*. O ano é 1906 e Pe. Luigi Marzano já havia, em sua viagem a Itália em 1904, publicado seu livro intitulado *Colonos e Missionários italianos nas florestas do Brasil*. Tal publicação parece ter ofendido alguns brasileiros, como Hermínio Menezes, redator do artigo sobre o padre no jornal tubaronense.

O livro de Marzano é um amontoado de tolices, crivado de inverdades próprias de espantos tacanhos, mesquinhos de um grotesco e desfrutável Marzano que transuda de despeito ou sofre das faculdades intelectuais. O padreco quis, indubitavelmente, fazer “bonito” aos olhos de seus patrícios; mas enganou-se redondamente; todo o italiano sensato, criterioso profliga o seu procedimento. (O ESCOPRO, 1906, p1)

Em uma outra publicação de outra edição, do mesmo jornal, novamente apareceu acusações ao padre Marzano, “Certamente fora pago pelo governo argentino para escrever inverdades e, dessa forma, desviar a corrente imigratória” (O ESCOPRO, 1907 apud OTTO, 2006, p.226). O escritor do jornal sugeriu que o padre estivesse fazendo um boicote a imigração de italianos para o Brasil, afim de direcioná-los a Argentina.

Vale ressaltar que este redator tinha posicionamento político semelhante aos de Caruso MacDonald e Bez Batti, que seguiam o Partido Republicano ao qual também fazia parte, a elite de Tubarão. Capitaneada pela família Collaço, Tubarão era o centro político da região (PIAZZA, 2001, p.208). Além das disputas entre o padre e Bez Batti, Marzano descreve no seu livro a má administração que Tubarão fez no Distrito de Urussanga.

Em 1907 o conflito continua a se acentuar, momento em que MacDonald encerra as tiragens do jornal *La Patria* e inicia a publicação do *L'Asino* (O Asno) direcionado a defender seus propósitos e de acordo com Marques (1978, p. 78) “periódico anticlerical, de estilo varzeano, mas fortemente agressivo à Igreja e às suas instituições”. Na mesma época teve fim as impressões do jornal *Il Colono*. Pe. Marzano e seu grupo também articulam um jornal de codinome *Il Mullo* (O Mulo),

este impresso na Itália, mostrando um poder de capital dessa elite ou também a falta de aliados que pudessem fazer a impressão aqui no Brasil. Ambos jornais eram utilizados para atacar seus opostos.

Tais impressões cessaram no ano de 1908 quando há interferência do Bispo Diocesano de Curitiba, decidindo pela saída do Pe. Luigi Marzano de Urussanga, que por sua vez pediu para retornar à Itália.

Permaneceram ainda na comunidade alguns discursos em defesa do Pe. Marzano, visto Urussanga ter ainda grande número de descendentes imigrantes e católicos e estes reproduzirem as falas de seus religiosos como padre Claudino Biff e Mons. Agenor Neves Marques, que escreveu um texto intitulado: Pe. Marzano, líder e vítima.

O minucioso documentário do Pe. Marzano, tantas vezes citado neste álbum, fala tudo com precisão, menos das suas realizações, dos seus grandes planos, das suas amarguras. Homem altivo e ao mesmo tempo humilde, resoluto e prudente, enérgico e sereno, não deixa em suas memórias nem sequer transparecer os dissabores sofridos. O livro que escreveu, as obras que começou, a pastoral que exerceu, fizeram dele um grande sacerdote e um grande líder. Não há, porém, na sua obra ou nos arquivos da Paróquia, nenhuma referência aos seus adversários. Eles o aniquilaram em favor de um grupo ambicioso, mas em detrimento da coletividade. Os anciãos que o conheceram como herói e como vítima, confirmam sua capacidade de esquecer e perdoar, até aqueles poucos que, reacionários e enciumados de sua preponderância social, deixaram seus superiores em duríssima alternativa: ...ou sua retirada ou seu cadáver! (MARQUES, 1978, p. 135)

Nessa citação nota-se os diversos elogios à pessoa de Marzano e, sem citar nomes, falou sobre um grupo contrário ao prestígio que o padre recebia da comunidade, sugerindo que estes eram capazes de matar Pe. Marzano caso não fosse transferido. No livro *Crônicas da Diocese de Tubarão*, Pe. Biff transcreve parte de uma entrevista que fez com uma senhora, onde ela narra um episódio em que dois homens foram até a casa paroquial numa noite e cortaram as parreiras e atiraram um dos animais do padre, uma cabra leiteira, dentro do poço da casa paroquial, “Aí o Padre Marzano declarou que eles não iam durar muito. Dito e feito. Ao cabo de uma semana, os dois estavam mortos.” (BIFF, 1997, p.259). Ambos os padres defendem Pe. Marzano e o colocam como vítima e este imaginário continua a ser reproduzido com Luigi Marzano representando o ‘lado bom’ em prol de Urussanga, sendo ameaçado por homens ambiciosos em busca de poder e *status*.

### 3 A OBRA COLONOS E MISSIONARIOS NAS FLORESTAS DO BRASIL: PUBLICAÇÕES E DISCURSOS

O livro *Coloni e Missionari italiani nelle Foreste Del Brasile*, título original da obra do Pe. Luigi Marzano, publicado em 1904 – sendo aqui utilizada a versão traduzida pelo Pe. João Leonir Dall’Alba, edição de 1985, *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* – não se trata de uma obra revolucionária ou visionária no sentido de como foi escrita e pensada, mas sim, de um escrito produzido por um europeu do século XIX e XX que acompanhou uma das tendências literárias da época, os relatos de viagem. Por isso o seu potencial como fonte histórica, já que foi escrito por Marzano enquanto esteve entre os colonos, entre 1899 e 1903.

Imerso numa cultura eurocêntrica, cientificista e higienista que dividia os povos em civilizados e não civilizados, Pe. Marzano assim como seus conterrâneos e contemporâneos que partiram para o Brasil ou outras regiões de imigração, missão e comércio, viam esses lugares como exóticos, diferentes e lhes interessavam ouvir sobre essas culturas além mar.

Padre Marzano ao vir para sua missão religiosa no sul do Brasil não tardou em começar a anotar os aspectos e impressões sobre a viagem desde sua partida do porto de Gênova. Tais relatos dos viajantes são repletos de comparações entre o que se viu no país de destino e o que existia na Europa, no caso de Marzano a referência eram cidades italianas.

Viajantes italianos, narrando suas experiências no Brasil, procuravam acentuar os aspectos indicadores de diferenças e, quando percebiam semelhanças, também tratavam de pinçar diferenças nessas semelhanças que diminuíssem o valor do objeto de comparação. (CONSTANTINO, 2012, p.17)

A situação descrita na citação é encontrada também nos relatos do sacerdote quando este, após tecer elogios sobre um passeio que fez pela então capital do Brasil, Rio de Janeiro, fez comparação com Turim e narrou “a rua principal, Rua do Ouvidor, apresenta alguma semelhança com a Via Roma da nossa Turim. Assim mesmo é tão estreita que, nalgum lugar as insígnias das casas de comércio se cruzam e formam galeria.” (MARZANO, 1985, p.40).

Em outro caso, já em Urussanga compara as técnicas de cultivo: “a principal e mais lucrativa é o cultivo do milho. Este não é plantado em linhas como na Itália, mas em covas confusas, na distância de um cabo de enxada. [...] dos quais crescem outros tantos pés de milho exuberantes” (MARZANO, 1985, p.134).

Nestas passagens se percebe o eurocentrismo do viajante em ter como padrão, a arquitetura, música, política, economia nos modelos europeus da época. Como na questão do milharal, por mais que a colheita seja ótima e o milho de boa qualidade, as covas não são como na Itália.

Um viajante pode pertencer a mais de uma tipologia; dependendo de suas impressões e olhares sobre o lugar que visitou, este pode ser “um assimilador, aproveitador, turista, impressionista, assimilado, estrangeirista, exilado, alegorista, desencantado ou filósofo.” (CONSTANTINO, 2012, p.18).

Os perfis de cada tipologia são assim descritos:

Assimilador, quando evidencia um certo espírito messiânico e interpreta as diferenças como carências diante do seu ideal; aproveitador, quando especula sobre as diferenças do outro para explorá-las em termos mercantis; turista, representado pelo viajante apressado que prefere coisas a seres humanos; impressionista, que é um turista mais sofisticado, que é capaz de enxergar seres humanos somente para desfrutar as impressões que lhe produzem; assimilado, quando quer conhecer o outro para parecer-lhe; estrangeirista, que descobre com competência as carências do outro, não desejando ser assimilado; exilado, que considera a vida no exterior como uma experiência de não pertencer; alegorista, que conta sobre um povo estrangeiro para poder discutir seus próprios problemas; desencantado, que viaja para poder elogiar a própria casa; filósofo, que observa as diferenças para descobrir propriedades e que é capaz de denunciar injustiças fora de suas fronteiras. (CONSTANTINO, 2012, p.19).

Marzano destinou alguns capítulos a descrever os animais e a floresta que circundava a Colônia Urussanga, onde ele residiu. Sem fugir da temática do exótico, destaca a exuberância da mata Atlântica “para não ficar preso pelo pescoço, quase enforcados, convém abrir bem os olhos, ainda mais que a floresta é tão espessa que torna impossível a visão além dos vinte passos.” (MARZANO, 1985, p.118).

Também se mostra interessado no crescimento de Urussanga questionando porque a pátria Itália, que se diz tão protetora, não incentivava os colonos a cultivar produtos mais rentáveis como o fumo que a própria Itália importaria. Sobre o fumo destaca e provoca o governo italiano:



Oh! Por que nosso governo pátrio não poderia adquirir das colônias italianas semelhante produto? Só em Urussanga poder-se-ia produzir anualmente não menos de 2.500 quintais. Não seria uma boa fonte de lucros para nossos colonos? Esperamos que em breve sejam apresentadas ao governo as boas conveniências, e que este não queira mostrar-se inferior à Alemanha em favorecer seus emigrantes”.(MARZANO, 1985, p.141)

Ao fazer tais questionamentos ele se mostrou além de um viajante de tipologia turista, um viajante filósofo, “que observa as diferenças para descobrir propriedades e que é capaz de denunciar injustiças fora de suas fronteiras”. (CONSTANTINO, 2012, p.19)

Marzano destaca que os colonos, mesmo distantes de seus vilarejos de origem continuavam a venerar seus padroeiros e para eles faziam rústicas capelas e imagens, sendo que algumas conquistaram fama de milagrosas entre os colonos. Segundo o clérigo, alguns fieis assumiam o papel de sacristão e puxavam as canções e orações, mas com o passar do tempo acabaram ganhando prestígio da comunidade e se sentiam como sacerdotes, davam bênçãos, faziam o sermão e “não raro o caso, em que dirigiam a palavra aos fiéis tentando explicar o Evangelho. Mas nisto não eram muito felizes, no mais das vezes satíricos e interesseiros.” (MARZANO, 1985, p.126)

Ao chamá-los de satíricos e interesseiros Marzano busca depreciar as práticas católicas populares, evidenciando a importância da presença de missionários e de um catolicismo institucionalizado. Assim, com a chegada dos párocos a população vai a busca destes e não mais dos capelães. “Mas hoje estes abusos desapareceram, tendo o povo maior fé e confiança no sacerdote. Os únicos descontentes são os velhos capelães que lamentam seu feliz tempo passado.” (MARZANO, 1985, p.127)

Como padre missionário, Marzano não deixou de elencar em seus escritos as situações de pobreza e a falta de assistência religiosa que os imigrantes italianos passaram nos primeiros anos de colonização, mas sempre fez questão de descrever os colonos italianos como muito trabalhadores e incansáveis, destacando que mesmo esses pobres imigrantes tinham muito a oferecer ao Brasil, como relatou este episódio:

Nossos infatigáveis colonos italianos, visto que abundava pedra de boa qualidade, fabricaram logo moendas e mós. Aproveitando da cascata d'água puseram em movimento o moinho, com grande maravilha dos

brasileiros, os quais até então nunca tinha visto aplicações com a força d'água. Eis a primeira demonstração de civilização italiana trazida às florestas do Brasil. (MARZANO, 1985, p.60)

De acordo com seu discurso nota-se a moral e a superioridade que ele deu aos italianos em relação aos brasileiros e que estes tiveram que ensinar e “civilizar” algumas regiões do Brasil. É uma fala comum dos europeus e de nações imperialistas da época donde usaram o discurso de “civilizar”, implantando seus produtos e costumes, a fim de legitimar suas invasões e interferências em outros territórios.

A respeito da agricultura, em seu livro Marzano destaca as culturas mais produtivas e mais lucrativas, divagando sobre o que os agricultores poderiam estar cultivando para não dependerem de comerciantes e para ter maior fonte de renda não só em gêneros alimentícios, mas vestuário e também de madeiras nobres, já que estas são derrubadas para preparar o terreno para o plantio e, por falta de estradas e de serralherias, eram deixadas onde caíram e consumidas pelas chamas no sistema de coivara utilizado pelos colonos. Marzano se mostra a favor da implantação da indústria.

Se houvesse um homem de iniciativa que dispusesse de capital, poderia implantar uma fábrica de algodão. Não lhe faltaria força d'água, como não faltaria algodão em rama. Produziria bons tecidos e teria um lucro certo. Atualmente importam-se do estrangeiro, principalmente da Alemanha, os tecidos, que pela distância, transporte e alfandega são vendidos a preços exorbitantes. Eis um ramo de indústria que compensaria largamente o capitalista e traria grandes vantagens aos nossos colonos.” (MARZANO, 1985, p.137)

Dentre outras fontes de renda lucrativas através da agricultura cita o fumo, o óleo de amendoim, fibra do abacaxi, farinha de banana. Mais uma vez dá dica para algum colono que tenha capital, investir numa prensa hidráulica para se obter o óleo do amendoim, que cresce abundante nas roças. “Poderia extrair muito óleo. Isto traria uma melhoria às colônias.” (MARZANO, 1985, p.143)

Comparando a vida no início da colonização com os anos em que esteve em Urussanga, enfatiza que os imigrantes gozavam de uma melhor qualidade de vida devido ao trabalho, deles próprios, terem rendido lucros resultando um capital extra para ser investido na própria comunidade, como na construção de melhores moradias, uma nova igreja e casas de negócios.

Devido a seus relatos, Marzano se assemelha em certos aspectos ao viajante europeu Robert Avé-Lallemant, que narrou sua viagem pelo Brasil em 1858, principalmente nas colônias alemãs. Silvana Faleiro (2012, p.32) assim descreveu Avé-Lallemant:

Nesse sentido, embora esboce quadro que privilegia a Europa, não desdenha o que presencia. Conclui-se que admira, critica, propõe, trabalha em prol de um espaço que não é seu (...). Tudo isso sem que deixe de ser o que é: europeu olhando o Brasil em meados do século XIX – a roupagem é branca, etno e eurocêntrica.

*Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil*, num primeiro momento foi escrito por Marzano como um relatório missionário que, segundo ele, “sempre são lidos com prazer” (MARZANO, 1985, p.15), por isso se assemelha tanto a relatórios de viagens. Em 1904 foi impresso na Itália com o intuito de que o dinheiro arrecadado fosse direcionado a um instituto italiano que Pe. Marzano abriu junto com as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus<sup>7</sup>, que trouxe da Itália. O sacerdote enviou a sua obra para um revisor arquiépiscopal de Turim e este lhe autorizou a publicação que diz ser atraente e interessante e “é, o que mais importa, edifica o leitor com exposição das fadigas, dos sacrifícios com que se sobrecarregam nossos jovens missionários, para manter nossos pobres imigrantes no amor à religião e à pátria”. (MARZANO, 1985, p.8)

Na Itália, onde sua obra foi impressa e publicada, recebeu a autorização da Igreja e tinha um público alvo, visto que, na época ao retornar das viagens, principalmente de países distantes, as pessoas encheriam de perguntas sobre como foi e como eram os lugares por onde o viajante e missionário passou. Algumas edições devem ter sido vendidas, já que o prédio do instituto foi construído, com ajuda de moradores, e serviu “como escola e como hospital.” (MARQUES, 1975, p. 135)

No Brasil, devido ao modo que foi escrito, fazendo sempre comparações com a Itália, mostrando a falta de assistência do governo brasileiro para com os colonos e descrevendo a dificuldade na logística do comércio devido às más

---

<sup>7</sup> Essa congregação saiu de Urussanga anos depois, sendo substituída pelas Irmãs Beneditinas da Divina Providência. Atualmente, novamente outras Irmãs Apóstolas do Coração de Jesus (com sede em Curitiba) retornaram a Urussanga, exercendo atividades junto à paróquia e no hospital.

conservações das estradas e o problema das marés no porto de Laguna, não agradou os brasileiros que leram.

Outra questão foi o envolvimento do Pe. Marzano nos assuntos políticos da região sul catarinense, já relatado no capítulo anterior, no qual ele se juntou a um grupo da elite de Urussanga em contraponto a outro grupo, também de Urussanga, que estava vinculado ao mesmo partido da elite de Tubarão.

Essas especificidades fizeram com que Marzano e sua obra fossem atacadas em uma publicação no jornal *O Escopro*, de Tubarão. O escritor do artigo, Herminio Menezes, utilizou de duas citações para deslegitimar, de maneira oficial, os escritos de Marzano, uma delas foi um relato de Onésime Reclus sobre o Brasil. Reclus foi um geógrafo francês, contemporâneo que, de acordo com Herminio, disse: “Naquela Lusitania americana desenvolvem-se todos os esplendores, todas as raridades, todas as forças da terra e do céu.” (O ESCOPRO, 1906, p.1)

A outra citação foi o discurso do italiano Dr. Giovanni Luglio sobre a capital do Brasil, “sem controvérsia, a capital do Brasil, o fervoroso Rio, se ele se transforma, se tornará uma das mais belas capitais do mundo por muitos anos; Dê a este direito a sua posição esplêndida, o seu clima, a encantadora baía.” (O ESCOPRO, 1906, p.1)

Com essas passagens Hermínio não generaliza que todo estrangeiro via o Brasil da mesma forma que o padre, e assim, direcionou suas acusações, e de seu partido (pró-republicano), a Marzano. Como forma de fazer uma crítica ao padre, Herminio se aproveitou do livro escrito por Marzano para mostrar, a seu ver que ele não se importava com o Brasil.

Já no primeiro parágrafo do texto, que recebeu o título de “O PADRE MARZANO”, começaram as críticas ao livro e ao sacerdote, dando a entender que mais leitores aprovariam esse discurso de raiva contra o padre, como podemos ler:

Depois de muitos mezes nos chegou as mãos o celebre livro MISSIONARI NEL BRAZILE escripto pelo audacioso e perverso padre italiano Luiz Marzano que de accôrdo com a sua negregada consciência não hesitou, não vacillou em jogar lama ao Paiz que lhe deu guarida.[...]. Agora surge esse bobo, esse jogral, esse arlequim, que acode ao chamado de Luiz Marzano a servir de escarneo com suas críticas contraproducentes contra o Brazil, chegando a sua petulância ao ponto de dizer que a Capital Federal é nada mais nada menos uma qualquer aldeia da Itália!!! Ah! bobo. Ah! idiota! (O ESCOPRO, 1906, p.1)

Praticamente uma página e meia do jornal foi utilizada para ridicularizar Pe. Marzano e seu livro. É interessante pensar o quão revoltados estavam Herminio e seu partido político pró-republicano, do qual faziam parte, também, os inimigos de Marzano em Urussanga como MacDonald e Bez Batti, a ponto de ofender de várias maneiras um padre em meio a uma sociedade predominantemente católica, demonstrando que tais acusações teriam respaldo de parte da comunidade, provavelmente dos brasileiros natos.

A conclusão que tiramos ao finalizar a leitura do arrazoado de mentiras escritas por Marzano, foi a seguinte: é um pobre idiota, um imbecil, propenso a um asilo de alienados. (...). Em conclusão o livro de Luiz Marzano, vigário de Urussanga, é escrito n'uma linguagem que, franqueza, "non se sa piú se ammirare l'audacia o il cinismo". (O ESCOPRO, 1906, p.2)

Para encerrar seu texto, foi sarcástico em usar uma frase escrita em italiano, como se fosse uma mensagem direta ao padre, visto que este era italiano, "não se sabe mais o que admirar a audácia ou o cinismo". No ano seguinte no mesmo jornal apareceram novas críticas ao vigário, sugerindo que este estava influenciando a ida de imigrantes para a Argentina.

Com a saída de Marzano das terras brasileiras os eventos em que ele estava envolvido ficaram nas memórias dos que viveram o início do século XX. Talvez tenha acontecido um processo de esquecimento da presença do Marzano, na região, já que nos anos seguintes ao seu retorno para a Itália, quem ocupou espaços de poder em Urussanga foram os seus rivais, gerando assim um silenciamento. Já com os costumes dos imigrantes, estes tiveram que se adaptar a vida no Brasil e nesse processo, com o passar dos anos e com nascimento dos seus descendentes, o cotidiano pouco vai se assemelhar com o da Itália.

Anos mais tarde, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, foram aplicadas as políticas nacionalistas no Brasil, assim Pagnotta (2017, p.93) analisa:

Nesse período, que corresponde ao da Segunda Guerra, há uma forte campanha de nacionalização para os integrar [imigrantes italianos]. Para isso, foram proibidos de falar sua língua natal e de cultivar seus costumes e tradições, que permaneceram "encobertos" na memória dos mais velhos, uma vez que não se permitia, e ainda menos se incentivava, que fossem transmitidos às novas gerações.

Devido à interferência do Governo nas populações de imigrantes e seus descendentes há um maior distanciamento dos costumes da terra natal, seja ela a

Alemanha, Itália ou outro país de onde vieram os imigrantes. Com as restrições das manifestações culturais, as próximas gerações acabaram não mais se interessando pelas histórias de suas famílias. Somente com a redemocratização do Brasil no início dos anos 1980, – período próximo às comemorações do centenário da imigração no sul catarinense, fins da década de 1970 – é que se volta a pensar as origens das ex-colônias, principalmente, por parte dos mais abastados, já que eram esses que tinham o capital necessário para poder viajar à Europa e também participar de associações italianas ou de outra nacionalidade (PAGNOTTA & ASSIS, 2017, p.95)

Percebe-se um hiato temporal entre a publicação da obra, *Coloni e Missionari italiani nelle Foreste Del Brasile* e o início da retomada das narrativas migratórias incentivadas pelos centenários de fundações das colônias. Foi nesse momento que se buscou uma fonte que mostrasse o mito fundador, contando sobre os sacrifícios de um povo trabalhador que, nesse discurso seriam os imigrantes europeus. É nessa perspectiva de um povo muito trabalhador que passou por diversas dificuldades, que os descendentes foram se basear.

O livro de Marzano reapareceu nesse momento, principalmente depois da tradução feita pelo padre João Leonir Dall’Alba, com publicação em 1985. Sobre essa obra Chiara Pagnotta (2017, p.86) fez a seguinte observação:

Independentemente de memórias individuais, havia um livro, sempre mencionado pelos descendentes, como fonte para a *verdadeira história* dos italianos na zona sul de Santa Catarina – e citado pelas testemunhas como o mais confiável de suas memórias individuais –, intitulado: *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*, escrito pelo padre Luigi Marzano e publicado na Itália em 1904. O livro foi escrito alguns anos depois dos eventos narrados; representa por isso, a fonte insubstituível para compreender a mentalidade dos imigrados italianos da época (e, aparentemente, de seus descendentes). [...]. Neste sentido, o livro contribuiu para a criação do mito do imigrante pioneiro no estado de Santa Catarina.

Buscou-se revalorizar a figura do colono imigrante, cunhando um perfil de pessoas laboriosas que tiveram que construir tudo a sua volta, sendo bons agricultores e bastantes religiosos. Cada município encontrou algo para simbolizar a italianidade e demonstrá-la através de festas típicas. Esses produtos que tinham o papel de caracterizar a etnia eram: a dança, a culinária, as bebidas e os objetos que estavam nos museus.

Os símbolos significativamente ligados a uma identidade étnica (quer representem valores reivindicados pelos membros ou estigmas impostos pelos *outsiders*) determinam em grande parte os marcadores (traços comportamentais, língua falada, índices visuais) que a designam enquanto tal. Mas, em consequência do próprio fato de as identidades étnicas não se imporem como dados naturais mas como uma divisão culturalmente elaborada do mundo social, a relação entre critérios e índices é frequentemente problemática. (POUTIGNAT, 1998, p.150)

Em 1991 houve uma reimpressão do livro de Marzano, que foi financiada com parcerias entre associações de descendentes italianos e as prefeituras de Urussanga e Longarone. Essa edição possui o prefácio com mensagens dos prefeitos das respectivas cidades e um breve histórico das mesmas; em seguida tentou-se reproduzir fielmente a obra publicada em 1904. Todo o livro é escrito em italiano, foi impresso na Itália, onde ficaram alguns exemplares. No Brasil foi entregue a associações de italianos, espaços públicos de Urussanga, como Museu e prefeitura e também foi adicionado no acervo da Biblioteca Nacional e do Estado de Santa Catarina.

*“L'opera, curata com atenta responsabilità dal P. Luigi, ha infine il mérito di essere una preziosa fonte di consultazione per la ricerca che retorna piacevolmente ala mostra comunità facendoci il nostro glorioso passato”* (MARZANO, 1991, p.5)<sup>8</sup> esta fala é do prefeito de Urussanga Vanderlei Rosso e que está no prefácio do livro publicado em 1991, e demonstra o discurso que se pretendeu reverberar com a reedição da publicação. Discurso este que objetivava tornar o passado – imigração e colonização – glorioso aos olhos de seus descendentes.

Na construção da etnicidade os envolvidos se identificam com características comuns a eles e também, precisam ser identificados pelos outros, num constante diálogo entre *Nós/Eles*. Nesse exercício objetivam ‘formar’ a italianidade dos descendentes no sul catarinense, além de se apropriar de símbolos e criar/recriar tradições, utilizando também do idioma como distintivo, incluindo nas escolas ou disponibilizando outros espaços para o ensino da língua italiana.

Os descendentes encontraram no livro *Colonos e Missionários Italianos nas Florestas do Brasil* o discurso de que italianos (nós) vieram civilizar as terras no sul catarinense, já povoado por brasileiros (eles) e índios (eles). Apropriaram um

---

<sup>8</sup>Tradução da citação: “O trabalho, editado com a responsabilidade do Pe. Luigi, finalmente tem o mérito de ser uma preciosa fonte de consulta para repensar a nossa comunidade, tornando nosso passado glorioso”

passado comum e genérico que se inicia desde a saída das vilas italianas, incluindo a viagem transatlântica até a chegada nas colônias. Generalizou-se um estereótipo que os imigrantes eram, tanto na Itália quanto no Brasil, católicos fervorosos, agricultores, produtores de vinho e incansáveis trabalhadores como se todos soubessem inúmeros ofícios.



## 4 CONCLUSÃO

Por meio das pesquisas realizadas buscou-se atingir os objetivos propostos e compreender a atuação política do padre Luigi Marzano e a influência de sua obra *Colonos e Missionários italianos nas florestas do Brasil* nos discursos de italianidade, assim como a circulação da mesma no período de sua publicação.

No primeiro capítulo nos dedicamos a analisar a atuação política do padre e verificou-se que este chegou a Urussanga, quando a elite local busca emancipação política. Num primeiro momento a elite estava unida pelo objetivo da emancipação, porém, após esta ser alcançada a classe se divide em dois grupos, tendo o sacerdote escolhido um lado. Percebeu-se que estes grupos almejavam o poder de representar a comunidade e nesse processo disputas aconteceram, principalmente por meio de publicações em jornais e envio de ofícios ao governo do Estado. Utilizaram desse meio de comunicação para se legitimar ou deslegitimar o outro como arma para permanecer no poder.

No segundo capítulo nos dedicamos a analisar o livro, o qual foi escrito por Marzano em forma de relatório missionário e de viagem, e é sob essa perspectiva de relatos de viagens que discutimos a obra. Sua publicação foi na Itália em 1904, e tempos depois chegou ao Brasil, onde foi criticada pela imprensa de Tubarão na época. Percebemos que a crítica ao livro foi feita para reduzir o prestígio do clérigo, tendo em vista que a elite de Tubarão tenha se ofendido com algumas passagens da obra.

Na análise como relato de viagem verificamos as descrições e análises que o autor fez do Brasil e de Urussanga em comparação aos costumes e características da Itália. Enquadramos a obra em algumas tipologias de viajantes como, turista e filósofo, tendo como base suas observações transcritas no livro. Percebeu-se um discurso de valorização do trabalho do colono italiano que, posteriormente, foi e é utilizado para reverberar um discurso étnico de italianidade pelos municípios do sul catarinense. O livro teve sua tradução realizada pelo Pe. João Leonir Dall'Alba e publicada em 1985 e uma reedição em italiano em 1991 impressa na Itália, sendo uma parceria entre associações de italianos, prefeitura de Urussanga e de Longarone.

A partir das análises não se buscou julgar quais dos dois grupos da elite de Urussanga estavam corretos em suas falas e ações, mas encontrou-se na busca dos objetivos que a construção do discurso nós/eles está presente tanto nos conflitos entre o Pe. Marzano e Lucas Bez Batti, quanto nas interpretações feitas por meio do livro *Colonos e Missionários italianos nas florestas do Brasil*, para o discurso de ressignificação da colonização italiana, no sul catarinense, por grupos de interesse formados por descendentes de imigrantes.

## REFERÊNCIA

BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **OS IMIGRANTES, No confronto com os Índios**. 2ª ed. Forquilha: Formsul, 2005.

BIFF, Claudino. **Crônicas da Diocese de Tubarão**. Tubarão: Coan, 1997.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand, 1989.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **Relatos de viagem como fontes à história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

COSTA, Marcia Marques. **Tanti anni dopo**. Urussanga: Ed. do autor, 2012.

MARQUES, Agenor Neves. **Imigração Italiana** - Edição comemorativa do Centenário de Urussanga. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

MARZANO, Luigi. **Coloni e Missionari italiani nelle foreste del Brasile**. Belluno: Tipografia Piave, 1991.

MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Tradução de João Leonir Dall'alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

MATIOLA, Vanessa; PEREIRA, Cesar. **Urussanga: traços da história**. Urussanga, SC: Vanguarda Editorial, 2010.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Urussanga As imagens da História: Da 1ª a 3ª década do século XX**. Urussanga: Gráfica e Editora Tabajara, 1984.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.

PAGNOTA, Chiara; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Os italianos nos espaços públicos de Santa Catarina (Brasil). Entre epopeia e festas étnicas. In: **Revista Confluente**, Bolonha, v. 9, n. 1, p. 78-106, 2017.

PIAZZA, Walter Fernando. **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade, Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012.

**Fontes:****Artigos de Jornais:**

IL COLONO. **Revista Italo-Brazileira**, Urussanga, Anno 1, n.1. p.1-4, 21 out. 1904. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/ilcolono/ILC1904001.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2017.

O ESCOPRO. Tubarão, Anno 1, p.1-4, 28 nov. 1906. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oescopro/OESC1906008.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2017.

**Livro Tombo:**

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. **Livro Tombo**. Urussanga, SC, v.1.

**Documento Eletrônico:**

Centro de memória da Assembleia Legislativa de Santa Catarina <[http://www.alesc.sc.gov.br/portal\\_alesc/centro-de-memoria/constituicoes](http://www.alesc.sc.gov.br/portal_alesc/centro-de-memoria/constituicoes)> Acesso: 02 nov. 2017.

Lista dos nomes e período dos Ex-prefeitos do município de Tubarão <<http://www.tubarao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/22507>> Acesso: 02 nov. 2017.